

A necessária clareza de Antonio Candido ¹

The necessary clarity of Antonio Candido

Pedro Meira Monteiro

Princeton University
pmeira@princeton.edu

Devo esclarecer que não fui discípulo de Antonio Candido, embora os textos dele tenham me marcado profundamente. Mas, tive o privilégio de encontrá-lo algumas vezes, e esses encontros se guiavam sempre por uma paixão comum: Sérgio Buarque de Holanda.

A relação entre Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda é profunda não apenas no plano da amizade, mas também no que se refere às ideias. Os flertes com o vocabulário orgânico, a literatura como organizadora da sensibilidade e como elemento de civilização, assim como as perguntas sobre a organização social e a potência dissolvente da *vida*, são temas que os aproximavam.

Sérgio Buarque acertou quando dedicou a Candido um ensaio intitulado "Gosto arcádico", em que avalia a revolta dos árcades contra "a linguagem alambicada e retorcida da era barroca". Em Candido, há uma busca perene de *clareza*, com a conseqüente valorização do estilo simples. Abusando das metáforas, tratava-se de abrir clareiras onde tudo parecia "escuro" e "cerrado".² Perdia o cultismo, "o barroco ficava suspenso", e abriam-se, digamos assim, as picadas luminosas do entendimento. Mas, foi Candido um iluminista?

A pergunta é artificial, mas pode ajudar a compreender a limpidez do seu pensamento, de que não se separa, para quem teve o prazer de conversar com ele, da clareza da *prosa falada*, que Candido admirou nos caipiras da região de Botucatu que estudou em seu doutorado, e que

¹ Com poucas alterações, trata-se de texto lido no Teatro Odylo Costa Filho, na mesa "Antonio Candido, uma homenagem", durante o XV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 8 de agosto de 2017.

² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 241-271.

era igualmente uma característica sua.³ A memória prodigiosa encontrava, nele, um contador perfeito de causos. Para quem o ouviu no âmbito privado, as palavras se encaixavam como que num perfeito equilíbrio, sem nenhuma afetação. Numa feliz coincidência vocabular, o contador de causos é o grande *causeur* da crítica literária brasileira. O francês *causer* [conversar] nos lembra que a expressão vem do latim *causari*, que tem a ver com *causa*, isto é, a defesa da razão diante da dúvida.

Insisto nessa trinca – clareza, razão e fala –, por tratar-se de uma das maiores contribuições à crítica literária brasileira, latino-americana e diríamos mundial, não tivesse Candido escrito na língua daquelas musas tímidas, arbustos de segunda ordem a partir dos quais, no entanto, são desfechados alguns dos mais agudos olhares sobre o jardim frondoso da literatura ocidental.⁴ E Candido não é, afinal, o nosso Auerbach? Com ele, a compreensão da forma literária não ganhou uma profundidade insuspeitada, bafejada por uma cultura de leitor onívoro e clássico, apaixonado e disciplinado?

A comparação não é casual. Auerbach espiou o grande edifício das letras a partir dos escombros da Segunda Guerra Mundial.⁵

Pensando nos escombros e nessa mesma Guerra, gostaria de comentar brevemente um texto de Antonio Candido: sua corajosa defesa de Nietzsche em 1946 no *Diário de São Paulo*, depois publicada em *O observador literário*, de 1959.

Em seu ensaio, intitulado “O portador”, Candido defende o filósofo no momento em que ele era visto como precursor do nazismo. Mas não se tratava de simples esforço genealógico para livrar Nietzsche das malhas da desconfiança. A *causa* era outra: tratava-se de provar que a propedêutica nietzschiana levava à *justiça* e à *bondade*. Para o jovem crítico, “justiça e bondade repousam sobre a energia com que superamos as injunções, as normas cristalizadas, tudo enfim que tende a imobilizar o ser em posições já atingidas e esvaziadas de conteúdo vivo”.⁶

Era o velho embate entre a forma e a vida, a letra e o espírito, que aumentava de volume diante da civilização aos frangalhos do pós-guerra. Mas, a liberação das *energias vitais* não havia sido o principal clamor dos totalitarismos? A propulsão absoluta do *ser* não era a marca da experiência que levava à barbárie da Segunda Guerra?

³ Refiro-me ao trabalho de pesquisa que resultaria em seu livro *Os parceiros do Rio Bonito*, de 1964. Na dedicatória de Candido ao compadre, no exemplar da segunda edição do livro, hoje pertencente à coleção Sérgio Buarque de Holanda, na Unicamp, lê-se: “Caro Sergio: relendo este livro para correção de provas, fiquei impressionado ao ver quanto êle é influenciado pela sua obra, sobretudo ‘Bandeirantes e Mamelucos’ e ‘Monções’. Eu já sabia disto, é claro, e o digo no prefácio; mas a impregnação é maior do que eu pensava. A culpa não é sua. Mas o que ele tiver de aproveitável será devido a isto. Esta a razão de empurrar uma simples reedição, que vai melhorada (para mim) pela capa de Ana Luisa. Afetuoso abraço etc.” A capa é da *designer* Ana Luísa Escorel, filha de Antonio Candido.

⁴ São metáforas utilizadas na célebre abertura de sua *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, de 1956.

⁵ Ver: AUERBACH, Friedrich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

⁶ SOUZA, Antonio Candido de Mello e. *O observador literário*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p.79.

Entretanto, essas forças interiores, que Nietzsche queria liberar, encontram, como que formando um escudo civilizacional, forças contrárias que as amoldam e as contêm. Dessa dialética entre explosão propulsiva e contenção apaziguadora viveria o espírito, no seu embate com os poderes e os chamados do corpo. Para além da metáfora que provém da análise da tragédia clássica, disputada pelos espíritos de Apolo e Dionísio, ergue-se a questão, tão aguda no pós-guerra, da *canalização das energias*. Sondá-las, a essas forças irrefreáveis, seria tarefa não de especialistas, mas de poetas e escritores. Não à toa, dirá Candido, Freud foi uma “espécie de ponte entre o mundo da arte e o da ciência; entre os processos positivos de análise e a intuição estética”.⁷

Então, quem é esse iluminista que, vendo ao longe os escombros da civilização europeia, dá voz àquele que propõe a retomada da energia *contra* as contenções artificiais do comportamento e do hábito? Quem é esse Candido que, dotado da mais serena postura crítica, dá atenção às forças obscuras da alma, como que advogando uma causa perdida naquele momento?

Nietzsche, no entender de Candido, escrevera em “aforismos e cânticos, a fim de que tudo o que borbulha não fosse canalizado pelo desenho geométrico dos tratados; e para que a filosofia não renunciasse ao privilégio da permanente aventura, a troco da estabilidade que se obtém fechando os olhos ante a fuga vertiginosa das coisas”.⁸

Candido lembra então o elogio de Nietzsche ao Peregrino, o viajante que não para e “nunca vende a alma ao estável”. Cita o *Humano, demasiado humano*, ali onde se anunciam os filósofos “aventureiros”, que buscam uma espécie de conhecimento auroral, que levaria menos à *revelação* e mais àquela luz incerta que surge nas primeiras horas da manhã. O filósofo, já aqui inseparável do poeta, mergulha numa paradoxal afirmação da inconstância, como se a promessa teleológica da metafísica entrasse em colapso. É conhecida a anedota, reproduzida por Candido, de que Nietzsche trocava toda a metafísica por um simples aforismo de Pascal.

Após sua citação do *Humano, demasiado humano*, Candido avisa que a graça do estilo nos foi roubada pela tradução ao português, a qual retira, segundo ele, o “aspecto por assim dizer miraculoso” da prosa de Nietzsche.⁹ Mas, que milagre é esse, afiançado pelo original alemão, que o crítico vê tão claramente? Talvez a resposta esteja no “misterioso pacto com a dança” que fazia do pensamento de Nietzsche um baile constante. O inventor do Zaratustra, dirá o crítico brasileiro, é um portador de “valores radioativos” (insisto no peso da metáfora, porque estamos em 1946, um ano após Hiroshima). Pelas mãos do portador, vemos de relance a luz, para em seguida calar.

Mas que iluminista é esse, que cede diante do poder das coisas que nos escapam, como que num elogio da meia-luz?

⁷ SOUZA, Antonio Candido de Mello e. *O observador literário*. Op. cit., p.82.

⁸ *Idem*.

⁹ *Ibidem*, p.85.

Candido tende à limpidez e à clareza. Sua atenção leva à *concentração*, não à dispersão. O seu é menos o Peregrino de Nietzsche e mais o poeta exilado de Cláudio Manoel da Costa, “na própria terra peregrino”, segundo aquele verso brilhante que, aliás, fornece o mote ao amigo Sérgio Buarque de Holanda, revelando quão longe leva o tópos do estrangeiro em sua própria terra.¹⁰

Como elogiar o pensamento erradio e vagabundo, capaz das mais vigorosas iluminações, bem quando a escuridão ameaça tomar conta de tudo? Nietzsche, dizia Antonio Candido em 1946, era um “dos maiores portadores do nosso tempo”, capaz de responder ao desafio de “reorganizar o mundo sem apelo ao divino”.¹¹

* * *

Ficam no ar algumas perguntas. A “reorganização do mundo” não é exatamente o apelo da arte, para Candido? A reconstrução da civilização, a visão encantada da *formação*, a aurora em que o espírito brilha, tímido mas promissor, não compõem o núcleo de sua empresa crítica?

Antonio Candido, lembrou Sérgio Alcides, “morreu num tempo de refluxo, com a emergência de fundamentalismos antimodernos”.¹² O nosso tempo, portanto.

Talvez pudéssemos dizer que morreu o último crítico de sua estatura capaz de aspirar à construção, à reorganização do mundo em bases mais justas, assentadas no solo em que o humano viceja, equilibrado pelo lastro da literatura, que para Candido era a única forma de fugir ao “bárbaro destino” e à “fortuna inconstante”, para jogar ainda uma vez com os versos árcades que ele amava.¹³

No seu elogio a Nietzsche, vejo o esforço surpreendente por recuperar uma força anárquica que corre em paralelo ao grande veio apaziguador da literatura. Candido seguiria buscando uma possível resposta à anomia, como que afugentando o fantasma da desarticulação social. A linguagem era empenhada contra o enfeitamento da própria linguagem, segundo a melhor lição da filosofia.¹⁴

Para terminar, recordo *Tese e Antítese*, livro publicado em 1963, que reúne ensaios sobre o dilaceramento do ser em Alexandre Dumas, Eça de Queirós, Joseph Conrad, Graciliano Ramos e

¹⁰ Estudei a relação entre Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda em meu livro: *Signo e desterro: Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Hucitec; E-galáxia, 2015.

¹¹ SOUZA, Antonio Candido de Mello e. *O observador literário*. Op. cit., p.87.

¹² ALCIDES, Sérgio. O Brasil no meio do caminho. *Quatro Cinco Um*, São Paulo, n. 2, 2017.

¹³ Versos de Cláudio Manoel da Costa: “A vós, Pastor distante,/ Bem que presente sempre na lembrança,/ Saúde envia Alcino, que a vingança/ Da fortuna inconstante,/ Do bárbaro destino, Chora na própria terra peregrino”. Epístola I (Alcino a Fileno). In: *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 245.

¹⁴ *Investigações filosóficas*, 109: “A filosofia é uma luta contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem”. In: *Wittgenstein*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 58.

Guimarães Rosa. No fim, há um apêndice em que se comentam os gostos musicais de Stendhal. O ensaio final, diz Candido em sua Introdução, poderia ser lido como “contraveneno” ao resto do livro, por tratar da busca da felicidade. Mas se em seus romances Stendhal “procurou construir um universo de inteireza”, Candido lembraria, agonicamente, que “sob a força de vontade e a firmeza de intuito, surdiam [nos personagens de Stendhal] minas estranhas, que baralhavam tudo, desviavam a sua virtude da linha reta e o seu ser da inteireza”.¹⁵

É esse desvio que a literatura ensina tanto a sondar quanto a evitar. Em “O direito à literatura”, de 1988, escrito no ímpeto de uma abertura democrática que hoje parece querer encerrar-se, Candido chamava a literatura de “sonho acordado das civilizações”, fiel de uma balança que mantinha a sociedade em precário, mas necessário equilíbrio.¹⁶

Antonio Candido talvez seja um portador de outra ordem, menos visceral e conturbada, tendente à suave compreensão e à inclusão do Outro na fruição dos bens do espírito e da matéria. É tão sintomático quanto triste que ele tenha morrido no nosso presente esvaziado dessa chance, agora que o autoritarismo vai ganhando novas caras, e a democracia é ameaçada de novo, em plano mundial.

Em 1946, o remate de seu texto era um imperativo contundente: “Recuperemos Nietzsche”.

Mais de setenta anos depois, talvez caiba apenas juntar o que nos resta de convicção e dizer, com alguma veneração, “recuperemos Candido”.

Pedro Meira Monteiro: Professor na Princeton University, nos Estados Unidos, onde ocupa a cátedra Arthur W. Marks '19 Professor of Spanish and Portuguese, dirige o Departamento de Espanhol e Português e oferece cursos na área de estudos latino-americanos, com ênfase em literatura e cultura brasileiras. Graduiu-se em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas (Unicamp); possui um D.E.A. em História Sócio-Cultural pela Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines; mestrado em Sociologia e doutorado em Teoria e História Literária pela Unicamp; além de ter realizado estágio pós-doutoral na Faculdade de Educação desta mesma instituição.

¹⁵ SOUZA, Antonio Candido de Mello e. *Tese e antítese*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, p. 12.

¹⁶ SOUZA, Antonio Candido de Mello e. *Vários escritos*. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.